

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO
SUL
Faculdade de Ciências Humanas - FACH
Filosofia Licenciatura

NATHÁLIA SOUZA CARELLI

**Um breve percurso das diversas representações do mal na história da
filosofia.**

Campo Grande - MS
2025

NATHÁLIA SOUZA CARELLI

Um breve percurso das diversas representações do mal na história da filosofia.

Trabalho de conclusão do curso apresentado ao Curso de Filosofia – Licenciatura da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Orientação: Prof^º. Dr^º. Ronaldo Amaral.

Campo Grande - MS
2025

NATHÁLIA SOUZA CARELLI

Um breve percurso das diversas representações do mal na história da filosofia.

Relatório Parcial apresentado à
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
como parte das exigências para obtenção do
título de Licenciada em Filosofia.

Campo Grande, Novembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^o Ronaldo Amaral

Prof^a Dr^o Amir Abdala

Prof. Dr^o Vinicius da Silva

Campo Grande - MS
2025

“Quando pensamos em mitos, hoje, imediatamente lembramos de alguns mitos gregos, como o de Pandora, que abriu a caixa proibida soltando todos os males, restando somente a esperança, ou ainda do saci-pererê, de Tupã e outras lendas que povoaram a nossa infância e que têm origem nas culturas indígena ou africana. Para nós, portanto, os mitos primitivos não passam de histórias fantasiosas que são contadas ao lado das histórias da Branca de Neve ou da Bela Adormecida. O mito, porém, não é isso. Quando vira uma história, uma lenda, ele perde a sua força de mito.”

Autora: Maria Lúcia De Arruda Aranha, 2003.¹

¹ Quando pensamos em mitos, de Maria Lúcia De Arruda Aranha.

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
A IGREJA COMO CRIADORA DA IMAGEM DO MAL E AS RAZÕES DE SUA ESTRUTURA.....	10
A BÍBLIA E A IMAGEM DO MAL.....	12
A CRENÇA NO DIABO E SUA REPRESENTAÇÃO NA ARTE E NO PENSAMENTO IMAGÉTICO.....	16
UMBERTO ECO E AS REPRESENTAÇÕES DO MAL.....	22
AS ORIGENS DO IMAGINÁRIO SOBRE O MAL CÓSMICO PARA A CRISTANDADE.....	24
O FOLCLORE E A CONSTRUÇÃO DO MAL NO IMAGINÁRIO COLETIVO NA “IDADE DAS TREVAS”.....	27
THOMAS HOBBS E O PENSAMENTO CRÍTICO, POLÍTICO E RELIGIOSO SOBRE O MAL.....	30
CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso investiga as diversas imagens do mal ao longo da história da filosofia, evidenciando sua mutabilidade estética e simbólica na cultura religiosa, por meio do pensamento que se faz representação da religião. A pesquisa percorre desde as origens míticas e orientais, como o zoroastrismo e o maniqueísmo, passando pela tradição judaico-cristã e suas interpretações bíblicas, até o protagonismo do diabo na Idade Média e mesmo questionamentos sobre sua figura nos tempos atuais, passando pela Igreja e em sua utilização para o medo como instrumento de manipulação social e espiritual. Analisa-se ainda a transição no Renascimento, que conferiu ao mal aspectos cômicos e críticos, e no Romantismo, que o ressignificou como símbolo de liberdade e rebeldia. O Iluminismo e a filosofia moderna, com destaque para Thomas Hobbes, deslocaram a noção do mal de uma entidade metafísica para uma dimensão humana e social, vinculada ao conflito e ao contrato político. Na contemporaneidade, com o pensamento de Umberto Eco e a expansão da indústria cultural, o mal é entendido também como mercadoria presente em diferentes mídias e produtos destinados ao consumo. Conclui-se que o mal não é uma entidade fixa, mas uma construção simbólica que se adapta às exigências culturais, filosóficas e políticas de cada época, mantendo-se como chave interpretativa da experiência humana.

Palavras-chave: Mal; Filosofia; Religião; Imaginário; Cultura.

Abstract: This final project investigates the diverse images of evil throughout the history of philosophy, highlighting its aesthetic and symbolic mutability within religious culture, through thought as a representation of religion. The research ranges from mythical and Eastern origins, such as Zoroastrianism and Manichaeism, through the Judeo-Christian tradition and its biblical interpretations, to the devil's protagonism in the Middle Ages and even questions about his figure in modern times, including the Church and its use of fear as an instrument of social and spiritual manipulation. It also analyzes the transition from the Renaissance, which gave evil comic and critical aspects, to Romanticism, which redefined it as a symbol of freedom and rebellion. The Enlightenment and modern philosophy, notably Thomas Hobbes, shifted the notion of evil from a metaphysical entity to a human and social dimension, linked to conflict and political contract. In contemporary times, with the thinking of Umberto Eco and the expansion of the cultural industry, evil is also understood as a commodity present in various media and consumer products. It follows that evil is not a fixed entity, but a symbolic construct that adapts to the cultural, philosophical, and political demands of each era, remaining a key to interpreting human experience.

Keywords: Evil; Philosophy; Religion; Imagination; Culture.

INTRODUÇÃO

Apresentar as diversas imagens do mal, envolve investigar e analisar suas representações e implicações, como por exemplo, em sua esfera humana, onde sua corporeidade ganha espaço e residência no imaginário ou na tradição religiosa expressa pela arte, com rudimentos sócio-culturais que atravessaram e ainda atravessam os tempos da história das sensibilidades humanas, construídas não somente pelas consequências de estruturas antropológicas, mas também com fantasias que regem uma sociedade.

Também cabe à sociologia, tanto quanto à antropologia, a investigação, para que apure o conteúdo em que opera tal sociedade, tanto com fenômenos visíveis, ou mesmo que contenham teor invisível em seu escopo histórico depurado pela existência humana ou por meio de infieis. As suposições e disputas estão presentes pela afirmação da crença, encarnada no mito popular ou em conceitos dualistas entre o bem e sua característica antagônica, o mal.

A imagem do mal valendo-se dos benefícios de haver diversas crenças sobre o maligno e sobre o pensamento imaginativo perante o diabo, utiliza-a, quer seja para controle de autoridade ou para afirmação de verdade como existência maior, resultando de modo fantasiosa toda reflexão não-crítica de estabelecer verdades, que não só explicam parte dos fenômenos naturais ou da construção cultural, mas que ditam, também, as formas das ações humanas.

A verdade do mito que não obedece a lógica do empirismo, nem da verdade científica, nem da lógica imediatamente racional, concerne também a concepção da figuração demoníaca, que fora disseminada de acordo com os interesses moldados no contexto cultural em que a sociedade cristã encontrou-se; nos movimentos artísticos que marcaram a história do imaginário até o presente momento, não apresentam uma característica única ou um padrão definitivo na representação do mal enquanto ente sobrenatural, gerando dúvidas sobre suas razões e personificações.

Por fim, a influência dessas representações sugere que há uma relação entre o medo e o controle, proporcionando uma justificativa para os problemas morais e erros humanos. O mal enquanto entidade cósmica, que possui origem no Oriente próximo, adaptou-se ao pensamento e à literatura Ocidental desenvolvida durante a Idade Média, persistindo até os dias atuais.

As indagações que ocorrem com pertinência à vida humana nos cercam sempre da auspiciosa questão que toma o ser em seu construto, seja em sua esfera social, cultural e ou religiosa, também não seria senão de cunho filosófico diante da historiografia demoníaca,

buscando compreender e questionar as construções mentais e simbólicas presentes no imaginário humano? Explorando representações, símbolos, mitos e narrativas para compreender a natureza da realidade e da experiência humana, estrutura-se detalhadamente ideias que transcorrem os períodos históricos, as representações do diabo e motivos da criação de sua imagem, bem como de quem a emprega, subsidiam a construção desse trabalho de conclusão de curso.

A IGREJA COMO CRIADORA DA IMAGEM DO MAL E AS RAZÕES DE SUA ESTRUTURA.

“Frequentemente, o Diabo aparece monstruoso e deformado, a forma externa traindo o seu defeito interno. Ele é manco por causa da queda do céu; os seus joelhos estão para trás; tem uma face extra na barriga, nos joelhos ou nádegas; é cego; tem chifres e um rabo; não tem narinas ou só uma; não tem nenhuma sobrancelha; seus olhos são lacrimejantes e incandescentes ou atiram fogo; tem cascos partidos; emite um odor sulfuroso e, quando parte, faz isso com fedor, barulho e fumaça; ele está coberto com cabelo grosso e preto; possuem disfarces, asas como de morcego.”

Jeffrey Burton Russell.

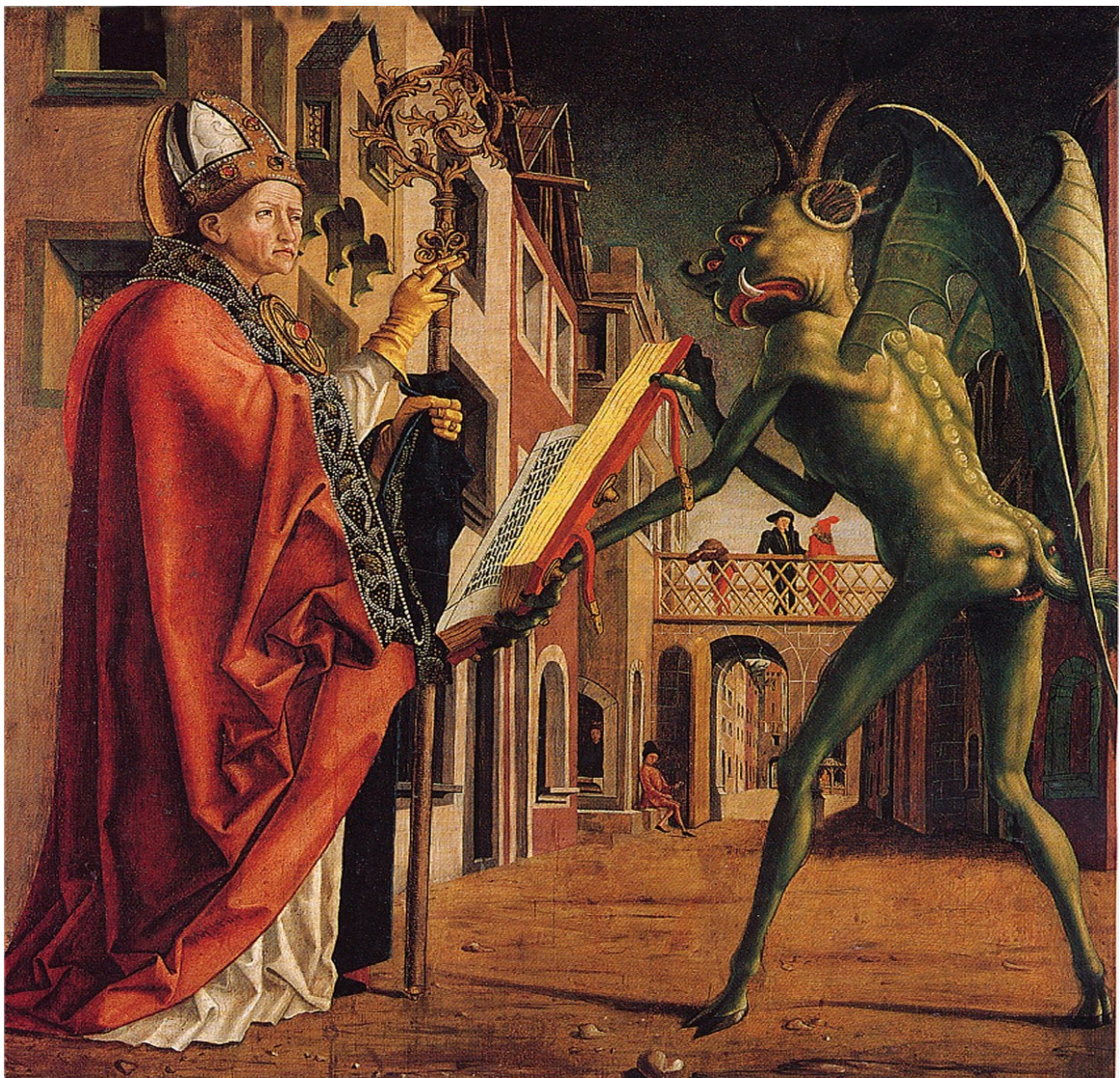


Figura 1

São Wolfgang e o Diabo, Vida de São Wolfgang, Michael Pacher, sem data.

Fonte: meisterdrucke.pt

Deus como imagem antagônica do diabo possui características que são vistas como opostas ao que é feio para os olhos humanos. Embora este trabalho não seja sobre o Deus judaico-cristão, é imprescindível sua presença em vários momentos para entendermos com maiores evidências a figurativa e os motivos que permitem a existência diabólica e todo seu poder, seja este materializado na arte ou fruto do medo, advindo também de diversas civilizações e da imaginação na história da humanidade.

O domínio da psique e da sensibilidade humana parece ser o fetiche preferido do mal. Não obstante, esse lugar e disputa é decorrência do combate entre seres divinos: "Um diabo rebelde ao poder de Jeová faz da terra uma extensão de seu império para nela reinar o poder do pecado e da morte" (Muchembled, 2001, p.19). O que gesta e move as imagens e a representação do mal entre os extremos presentes em lados opostos e que abrigam a presunção do bem e do mal, personificado por vezes no escuro e no claro é em essência um embate dual, que toma das qualidades e percepções humanas suas formas e juízo.

Com características que são vistas como opostas ao que é belo para os olhos humanos e aliada a muitas versões, confundido o senso estético com o princípio moral, a propagação da imagem do mal dá-se por meio de figuras difusas com início na filosofia antiga e que no decorrente período histórico-filosófico, o período medieval, tem sua importância protagonizando o imaginário religioso e também dos governantes, que se atrelaram à Igreja.

A imagem do mal, personificada em um ente superior, era divulgada como sendo de um castigador, entretanto, esse castigo era dado com a permissão de Deus, ao menos até o advento do cristianismo. Isso faz com que sua figura seja propagada através do medo. No início da época moderna, período em que as fogueiras foram acesas, milhares de pessoas foram mortas em função do discurso autorizado pelas Igrejas com pretensões e conluíus entre pessoas e entidades, embora o fim último de tal relação fosse algum bem, como é o caso da primitiva farmacopeia devida ao conhecimento de homens e principalmente mulheres (bruxas) que se utilizavam da ciência natural para a cura de doenças.

Como exemplo, a Inquisição espanhola marcando a data de 1536 - 1821 e a romana entre 1542 - 1965, foi período intenso dessas perseguições, curiosamente o também marcado pelo final do Renascimento. Como consequência dessa época, há um impulso da existência de um outro movimento, o Iluminismo ou Século das Luzes, que data entre 1715 - 1789, esse momento é quando o cristianismo tem uma queda e começa a ser enfraquecido pelo movimento científico, criado por filósofos e artistas, porém, não tendo maiores problemas,

conseguiu deter as superstições populares e a partir do século XVI o diabo ganha sua representação mais fantástica, o inferno está presente na vida das pessoas e a Igreja possui sua simbologia expandida pelo poder de expurgar tal inferno e seu reinante.

O início da decadência do demônio poderoso e a ascensão dos Estados, por culpa do Iluminismo, marca o fim dos sonhos de uma renovação e unificação europeia. Como observa Delumeau (1989):

É então o medo que explica a ação persecutória em todas as direções, conduzidas pelo poder político-religioso, na maior parte dos países da Europa no começo da Idade Moderna. Foi preciso em seguida chegar o totalitarismo de direita e de esquerda do século XX para reencontrar -em escala bem maior! - obsessões comparáveis no escalão dos corpos dirigentes e inquisições do mesmo tipo no nível dos perseguidos (Delumeau, 1989, p. 586)

A promoção do progresso das ciências, demonstra que algumas condições patológicas e, sobretudo psicopatológicas, que alguns corpos possuem, não são resultados de possessão demoníacas. Filósofos, médicos, artistas, membros da elite e até mesmo alguns religiosos começam a exprimir suas dúvidas. No século XIX o mal, representado como algo externo passa a estar cada vez mais intimamente unido a ele, devido ao desenvolvimento das ciências médicas e psicológicas. Ao invés de sentir-se culpado e temeroso, o indivíduo deste século acredita ter direito ao prazer, não receando com maior absurdo o inferno, ao menos, os laicizados pelo humanismo.

A BÍBLIA E A IMAGEM DO MAL

A Bíblia é uma das principais fontes imaginárias e narrativas para a construção da imagem do mal na tradição ocidental. Seu texto, principalmente no Antigo Testamento, fundamentam a representação do mal como oposição à vontade divina e como resultado da desobediência humana. Desde a queda de Lúcifer até a tentação de Eva, o mal é a imagética personificada do elemento disruptivo da ordem e da harmonia estabelecida por Deus.

No livro de Gênesis, o mal entra no mundo pela escolha de Eva em comer do fruto proibido. A serpente, tradicionalmente identificada com Satanás, convence Eva a desobedecer a Deus. Esse ato inaugura o pecado original e estabelece uma ligação direta entre o mal e a liberdade humana.

Ao longo do Antigo Testamento, o mal é frequentemente associado à idolatria, à infidelidade, à injustiça e à rebeldia contra Deus. Javé, embora soberano e justo, também é descrito como ciumento e punitivo, o que dá à imagem do mal uma complexidade peculiar: muitas vezes, os castigos divinos se assemelham às ações do próprio mal, confundindo os limites entre correção e destruição. Deus é o mal no Antigo Testamento, sendo o responsável por desastres naturais, pragas e destruição de cidades, como citado em Gênesis: “Então disse o Senhor a Noé: “Tenho decidido acabar com toda a humanidade, porque a terra está cheia de violência por causa deles; estou prestes a destruí-los juntamente com a terra” (Gênesis 6:13).

No Novo Testamento, o mal assume a forma mais definida na figura de Satanás, o adversário. Ele aparece como o tentador de Jesus no deserto e como o opositor do plano divino. A representação do diabo passa a ser central na luta entre o bem e o mal, o céu e o inferno, o Cristo e o anticristo. Em textos como o Apocalipse, o mal é simbolizado por bestas, dragões, prostitutas da Babilônia, em uma narrativa épica de julgamento final e restauração da ordem divina.

Importante observar que a Bíblia não apresenta uma descrição unívoca sobre a natureza e a essência do mal: ele pode ser um ato, uma força, a ausência ou a presença de Deus, uma escolha, um resultado de ação humana ou mesmo uma figura pessoal. Esse dinamismo permitiu à teologia cristã — e à cultura ocidental em geral — multiplicar interpretações e representações do mal ao longo dos séculos.

Assim, a imagem do mal na Bíblia vai muito além de uma oposição simplista ao bem: ela articula tensões entre liberdade e obediência, justiça e vingança, salvação e condenação, sendo essencial para a construção do dualismo moral que marcará profundamente o imaginário e o comportamento medieval e moderno.



Figura 2

Luca Signorelli, Pregação do Anticristo, detalhe, 1499 - 1504, afresco da capela da Madonna di San Brizio, Domo de Orvieto.

Fonte: meisterdrucke.pt

Como podemos ver em fragmentos bíblicos acerca da natureza do mal, a desobediência não apenas traz a morte e o sofrimento ao mundo, mas também dá origem à culpa e à punição, alguns elementos se destacam na construção do imaginário cristão sobre o mal.

1. O MAL COMO DESOBEDIÊNCIA: O PECADO ORIGINAL

Em Gênesis 3:1-6 — A tentação da serpente

“Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito. E ela disse à mulher: “Foi isto mesmo que Deus disse: Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim”

[...]

“A mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento. Tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido.”

Aqui se dá o início do mal na tradição judaico-cristã, com a quebra da ordem divina e o

surgimento do pecado como desvio voluntário.

2. O MAL COMO FORÇA ADVERSÁRIA: SATANÁS

Em Jó 1:6-12 — Satanás aparece diante de Deus

“Certo dia os anjos vieram apresentar-se ao Senhor, e Satanás também veio com eles. O Senhor disse a Satanás: “De onde você vem?” Satanás respondeu: “De perambular pela terra e andar por ela.”

Satanás aparece como acusador e adversário, papel essencial na teologia do mal como prova e julgamento da fé humana.

3. O MAL COMO TENTAÇÃO: JESUS NO DESERTO

Em Mateus 4:1-11 — Tentação de Jesus

“Então Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo Diabo.”

[...]

“Tudo isto te darei, se prostrado me adorares.”

O diabo é o tentador por excelência, que oferece poder e glória mundana em troca da fidelidade.

4. O MAL COMO GUERRA CÓSMICA

Em Apocalipse 12:7-9 — A queda de Lúcifer

“Houve então uma guerra no céu. Miguel e os seus anjos lutaram contra o dragão, e o dragão e os seus anjos revidaram. Mas estes não foram suficientemente fortes, e assim perderam o seu lugar no céu. O grande dragão foi lançado fora. Ele é a antiga serpente chamada Diabo ou Satanás, que engana o mundo todo.”

Aqui se fortalece a imagem do mal como um ser pessoal e caído, inimigo escatológico, associado à serpente do Éden.

5. O MAL COMO AUSÊNCIA DE DEUS OU ESCOLHA HUMANA

Em Romanos 7:19-20 — O mal interior

“Pois o que faço não é o bem que desejo, mas o mal que não quero fazer, esse eu continuo fazendo.”

O mal aqui é visto como parte da luta interna humana, entre desejo, razão e espírito. Ele não é um ente externo, mas um conflito ético, no entanto, a imagem do mal na Bíblia não é precisa. Ela oscila entre metáforas, personagens, forças e escolhas. O mal pode ser a serpente astuta do Éden, o adversário cósmico do Apocalipse ou o próprio desejo desordenado do coração humano. Essa pluralidade simbólica alimentou a imaginação religiosa e estética por séculos.

A CRENÇA NO DIABO E SUA REPRESENTAÇÃO NA ARTE E NO PENSAMENTO IMAGÉTICO

Buscando uma unificação, a personificação primeira do diabo foi elaborada por teólogos do século XII, coincidente com a anterior apologética do cristianismo, embora, sua imagem sendo melhor determinada, não significou, porém, que sua força tenha sido mudada substancialmente. Isso ocorre somente no século XIV, com as representações de artistas renascentistas europeus e segue seu percurso com a indústria cultural do século XX, que tem como um dos objetivos a transformação do simbolismo para o consumo.

Anteriormente, o diabo poderia existir no imaginário e nas narrativas das épocas citadas acima, mas não se recorre tanto à existência personificada do mal anterior ao século XVII. Temos como exemplo, Santo Agostinho, que tenta compreendê-lo e associá-lo a vida humana e não caracterizá-lo fisicamente. A Bíblia toma parte instrutiva do que é oposto a Deus, mas o diabo por vezes fora representado pela ridicularização ou humor e outrora por sua necessidade de existir justificando a desordem mundana. Dentre todas essas oscilações, pode-se afirmar que o cristianismo exerceu papel central na consolidação da figura do mal e da força diabólica no mundo, especialmente pela amplitude simbólica e cultural que suas representações alcançaram na civilização ocidental. Conforme observa Russell (1988), a

imagem do Diabo foi gradualmente sistematizada pela tradição cristã, tornando-se a personificação do mal absoluto na mentalidade do Ocidente.

A imagem do diabo começa a ser propagada principalmente pela cultura popular cristã. Conseqüentemente, passa a ter espaço de representação na arte, invadindo, inclusive, os espaços canônicos ou autorizados da fé. Anterior a esse fato, no período medieval, o diabo ocupava também papéis cômicos, representado satiricamente em peças teatrais e literárias, servindo como meio para expressar críticas sociais e religiosas da classe popular.

Até o século XII o mundo estava demasiado encantado para permitir a Lúcifer ocupar todo o espaço do medo, do temor ou da angústia. O pobre diabo tinha concorrentes demais para reinar absoluto, ainda mais porque o teatro do século XII fazia dele uma imagem de paródia ou francamente cômica, retomando o veio popular referente ao mal ludibriado. (Muchembled, 2001, p.31)

Para Russel (2003, p. 245-246), que registra o demônio do teatro e a sua relação com a arte e a literatura, exibido em espetáculos e com a sua popularidade cênica, no fim do século XII concede ilustrações visuais e literárias, temos como exemplo a imagética de representá-lo com chifres, rabo, cascos e até mesmo asas. A imagem do diabo toma duas posições: A representação cultural popular e o interesse da Igreja com intuito de instruir a doutrina pelo medo. A época mais marcante que podemos ter dessa duplicidade que o diabo enfrenta é no período renascentista. Também é de relevância citar a razão no período iluminista, que cada vez mais busca a interpretação do mundo e, conseqüentemente, questões que abrangem o sobrenatural. Esses períodos e os relatos que deixam, transcrevem a modificação do diabo e seus momentos em que possui grandes ascensões, transformando a narração religiosa e sua própria figura.

Buscando por Mefistófeles, há o resultado de uma das encarnações do mal melhor referida. Logo, por esse exemplo, a literatura tem um mito que percorre o século XVI e XVIII popularizando assim, o medo.



Figura 3

Fausto, cena de mefistófeles, Eugène Delacroix.

Fonte: The Metropolitan Museum of Art

Mefistófeles é mais uma extensão do diabo, enviado à terra durante a Idade Média e que tem como objetivo seduzir belos corpos e conseqüentemente atingir almas ditas como inocentes. Sem demora, a religiosidade alterca o diabo com o fato dele se transformar em um mito literário. No Romantismo, a simbologia que é aplicada ao demônio tem um aspecto livre e divertido.

Satanás significa liberdade, progresso, ciência e vida. Tornar-se-á moda a identificação com o Demônio, assim como procurar refletir no semblante o olhar, o riso, a zombaria impressos nas feições tradicionais do Diabo. [...] O Diabo passa a representar a rebelião contra a fé e a moral tradicional, representando a revolta do homem, mas com a aceitação do sofrimento porque este é uma fonte purificadora do espírito, uma nobreza moral, da qual só pode surgir o bem da humanidade. E o demoníaco torna-se o símbolo do Renascimento: demoníaco como paixão, como terror do desconhecido, como descoberta do lado irracional existente no homem: a explosão da imaginação contra obstáculos excessivos da consciência e das leis.” (NOGUEIRA: 2000, p. 104-105)

A figura diabólica tem na tradição cristã o seu principal meio de propagação, inclusive em sua construção visual, formada a partir de interpretações predominantes na sociedade. Essa herança resulta nas variações imagéticas existentes — desde o diabo grotesco das peças teatrais medievais até o diabo maléfico, associado ao inferno, à condenação e ao sofrimento. Observa-se, por exemplo, a ressonância desse imaginário, impresso em imagens e narrativas da cultura popular brasileira, devedora do cristianismo folclórico medieval. A feminilidade também não escapa dessas representações, sendo por vezes demonizada e identificada como “bicha horrorosa”, “Besta Bruzacã” ou “Hipupiara”, conforme descrito por Suassuna (2006).



Figura 4

Ipupiara, escultura localizada em São Vicente, Brasil.

Fonte: Diário do Litoral

Uma diaba-fêmea do Mar e do Litoral, uma bicha horrorosa, também chamada de Bruzacã ou Hipupiara ou Ipupiara, ela tem aparência de peixe, mas peitos e cabeça de cachorro e orelhas num formato parecido com chifre. Para Quaderna, o mal da seca e da opressão é causado pela interferência desse diabo, que “é o Mal, o Enigma, a Desordem!” em *A Visagem da Besta Bruzacã*.

— UMA PERGUNTA , Dom Pedro Dinis Quaderna: o senhor acredita no Diabo?

— Como é que posso não acreditar, Sr. Corregedor? Ainda agora, quando eu vinha para cá, ele apareceu ao irmão do Comendador Basílio Monteiro, ali, no monturo da areia do rio, perto do Chafariz! Eugênio Monteiro estava me lembrando quantas vezes, aqui no Sertão, a gente encontra, nessas chapadas nuas e pedregosas, seres alados e perigosos, cruéis e sujos, bicando os olhos dos borregos e cabritos!

Quem são eles? Gaviões? Urubus? Dragões? Acho que tudo isso ao mesmo tempo, porque todos eles são encarnações do Bicho Bruzacã, a Iupriapa macha-e-fêmea, a Besta que resume tudo o que existe de perigoso e demoníaco no mundo! O senhor já viu a Besta Bruzacã alguma vez? — Não! — Nem nunca ouviu falar dela? — Também não! — Pois eu me admiro muito, porque é a Besta mais horrorosa e conhecida por todo esse mundo velho por aí afora! É coisa sabida, Sr. Corregedor: ela é o Mal, o Enigma, a Desordem! Passa no Mar os seis meses do tempo de chuva. Durante esse tempo, tem duas ocupações: causa as tempestades e fica esperando, perto da Costinha, aqui na Paraíba, a chegada das Baleias, que ela sangra e devora como se fossem traíras ou Curimatãs. Aí, quando vem chegando Setembro, ela sai do Mar, soprando fogo pelas ventas, e vem para uma Furna de pedra perdida no Sertão. O fogo soprado pela respiração dela é que faz a seca! E ela aparece com muitas formas! Aliás, se o senhor não acredita em mim, veja a História do Brasil, de Frei Vicente do Salvador, que era homem fidalgo e frade, de modo que sua palavra merece respeito! Naquele tempo, a Besta Bruzacã era conhecida pelos Índios como a Iupriapa, ou Hipupiara. (SUASSUNA, 2006, p.369).

Também podemos nos voltar aos relatos que relacionam a mulher com todas as coisas mundanas e conseqüentemente com o diabo.

Tu dás à luz na dor e na angústia, mulher, sofres a atração do teu marido e ele é teu senhor. E ignoras que Eva tu és? Está viva ainda, neste mundo, a sentença de Deus contra teu sexo. Vives como impõe, como acusada. És tu a porta do Diabo. Foste tu que quebraste o selo da árvore; foste a primeira a deserdar a lei divina; foste tu que iludiste aquele que o Diabo não pode atacar; foste tu que tão facilmente venceste o homem, imagem de deus. Foi tua paga, a morte, que causou a morte do próprio filho de deus. (Alexandre, 1990, p.511).



Figura 5

Le Livre de bonnes mœurs, Jacques Legrand.

Fonte: História da Feiura, Umberto Eco, página 94.

É curioso o fato de que, ao longo da tradição cristã, sempre se busque um culpado — ou, neste caso, uma culpada — para justificar a existência do mal. As imagens associadas a essa figura também determinam seus feitos e significados simbólicos. Um exemplo notável encontra-se na reflexão de São Jerônimo, lembrado tanto como santo quanto como pensador relevante para os estudos sobre a interação entre as culturas grega, romana e cristã.

Jerônimo associa determinados seres mitológicos, como o sátiro — ser da natureza, de corporeidade híbrida entre humano e bode — e a figura do deus Pã, a representações do mal. Tradutor da Bíblia para o latim (Vulgata), o santo também comenta, no livro de Isaías, que a Babilônia seria habitada por “corpos cobertos de pêlos”, os chamados “servos do Diabo”, evocando assim imagens que remetem a características de seres mitológicos, especialmente de Pã, cuja forma com pés fendidos e chifres foi reinterpretada como símbolo demoníaco. O que antes representava a fertilidade e o vínculo sagrado com a natureza passa, então, a significar a bestialidade, como signo da ausência de bem — um processo simbólico que também marca a dessacralização da natureza.



Figura 6
O Deus e a cana, Norman Price.
Fonte: meisterdrucke.pt

O cristianismo atribui à imagem do Diabo um caráter simbólico no qual o corpo se torna o lugar mais grave e característico da manifestação do mal. A carne passa a ser construída não apenas como um espaço figurativo do feio, mas também como uma representação histórico-cultural e imaginativa depreciativa.

Nessa perspectiva, o deus Pã recebe maior estímulo para ser reconhecido como a face, o parente próximo, o seguidor ou mesmo a própria figura do Diabo. Suas características — os chifres, as orelhas pontiagudas, os pelos, o rabo e os cascos — são incorporadas à iconografia demoníaca, tornando-se marcas de identificação que confundem ambos os seres no imaginário coletivo, fundindo-os em uma única entidade simbólica.

UMBERTO ECO E AS REPRESENTAÇÕES DO MAL

Umberto Eco (1932–2016), filósofo, semiólogo e romancista italiano, foi um dos pensadores que mais contribuiu para o entendimento da construção simbólica do mal ao longo da História. Em suas obras, Eco explorou as estruturas narrativas, as iconografias religiosas e os discursos que moldaram a figura do mal no imaginário ocidental.

Na obra "O Nome da Rosa", Eco constroi um universo medieval em que o conhecimento é interdito sob a justificativa do temor ao riso e ao prazer. O mal, nesse contexto, é encarnado tanto na ignorância quanto na censura do saber. A biblioteca, labiríntica e secreta, torna-se símbolo do perigo do pensamento livre. Aqui, Eco denuncia o uso da religião e da autoridade como mecanismos de controle que associam o saber e o riso ao pecado, ao desvio e, portanto, ao mal.

Em *História da Feiura* e *História da Beleza*, Umberto Eco propõe que a estética não é neutra, mas carregada de valores sociais, morais e culturais. O feio — muitas vezes identificado com o mal — ganha protagonismo na iconografia cristã e medieval, sendo representado em figuras monstruosas, deformadas e bestiais, como o Diabo, os hereges e as bruxas.

Essas imagens, mais do que expressar o mal em si, cumprem a função de reforçar fronteiras morais, produzir medo e instaurar uma pedagogia da obediência. Tal perspectiva é visível nas pinturas de Hieronymus Bosch, cuja obra revela o grotesco como manifestação do pecado e do castigo. Em telas como *O Jardim das Delícias Terrenas* e *O Juízo Final*, rostos humanos se mesclam a formas demoníacas, sugerindo que o mal não é apenas exterior, mas uma distorção do próprio humano — um espelho da alma corrompida. A monstruosidade, nesse sentido, torna-se uma linguagem visual para a culpabilidade e a decadência moral, ecoando a concepção cristã de que o corpo pode trair o espírito.

A abordagem de Eco é essencialmente crítica e semiótica: ele demonstra que o mal é construído por signos, por narrativas e representações que variam conforme o contexto histórico. Ao longo dos séculos, o mal foi representado com características cada vez mais grotescas ou sedutoras, de modo a provocar rejeição ou fascínio — ambas formas de controle simbólico. Para Eco, o mal, assim como o belo ou o sagrado, é uma linguagem, e deve ser lido como tal.

Eco também reflete sobre o papel da indústria cultural na reprodução do mal em *Apocalípticos e integrados* (1984) e crítica como o mal passou a ser consumido como espetáculo — em filmes, livros, games — esvaziando, muitas vezes, seu conteúdo ético. O mal torna-se fetiche, produto, forma de entretenimento. Essa estética do mal pode, segundo ele, banalizá-lo, ao mesmo tempo que perpetua seus estereótipos mais arcaicos.

“Em contraste, temos a reação otimista do integrado. Dado que a televisão, os jornais, o rádio, o cinema, as histórias em quadrinhos, o romance popular e o Reader’s Digest colocam hoje em dia os bens culturais à disposição de todos, tornando agradável e leve a assimilação de noções e a recepção de informações, estamos vivendo uma época de ampliação do campo cultural, na qual se realiza finalmente, em larga escala e com a participação dos melhores, a circulação de uma arte e de uma cultura ‘popular’. Que essa cultura surja de baixo ou seja confeccionada de cima para consumidores indefesos é um problema que o integrado não se coloca. Em parte, é assim porque, enquanto os apocalípticos sobrevivem precisamente elaborando teorias sobre a decadência, os integrados raramente teorizam — preferem agir, produzir, emitir cotidianamente suas mensagens em todos os níveis. O Apocalipse é uma obsessão do dissidente; a integração é a realidade concreta daqueles que não dissentem. A imagem do Apocalipse nasce da leitura de textos sobre a cultura de massas; a imagem da integração emerge da leitura de textos da própria cultura de massas.” (Eco, 1984, p. 12).

Portanto, a contribuição de Umberto Eco para o debate sobre o mal é marcada por uma análise profunda das suas representações ao longo da história, desde a arte sacra medieval até os produtos culturais contemporâneos. Suas reflexões nos alertam para o poder das imagens e discursos na constituição das crenças, dos medos e das ideologias que sustentam a figura do mal.

AS ORIGENS DO IMAGINÁRIO SOBRE O MAL CÓSMICO PARA A CRISTANDADE.

Saber qual é a origem do diabo também implica em conhecer a origem da religião que mais concerne a sua representação encarnada do mal: o cristianismo. O sincretismo religioso é

determinante para que diferentes práticas, doutrinas e hermenêuticas sejam aplicadas e realizem integrações religiosas diversificadas. Os cristãos baseiam-se tanto em religiões ocidentais, como em religiões do Oriente Médio. A Antiguidade Oriental foi formada pelas primeiras civilizações que tinham como objetivo o acúmulo de riquezas e os deuses como seu mesmo propiciador; logo, foram as primeiras civilizações agrícolas e mercantis, eram elas os povos mesopotâmicos, os egípcios, os fenícios, os persas, os hebreus, os hindus e os chineses.

O Masdeísmo ou Zoroastrismo é uma religião criacionista com origem na civilização persa no século VI a.C tendo como símbolo dessa crença, o Faravahar.

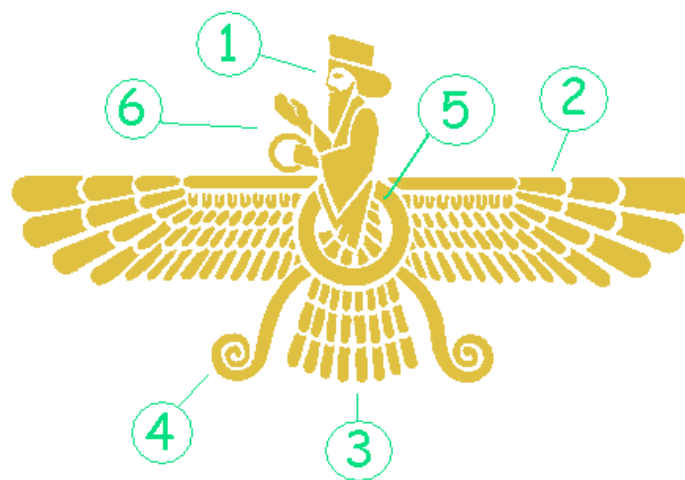


Figura 7
Faravahar
Fonte: Cyruscrafts

Tendo as respectivas indicações como explicitação: Primeiro, com a representação de um ancião, simbolizando a sabedoria da idade, as três penas maiores (2) indicam “bons pensamentos, boas palavras e boas obras”, com a parte inferior (3) consiste na representação de “maus pensamentos, más palavras e más ações” causando a miséria e infelicidade dos seres. As curvas (4) em seus lados representam as forças positivas e negativas a do lado dirigida a face indica o avanço em direção ao bem, já em seu lado oposto, o que há são designações para “dar as costas para o mal”. No centro (5) há presença de um anel, simbolizando a eternidade do universo e a natureza eterna da alma, não havendo começo nem fim e por fim, a mão (6) do ancião aponta para frente, indicando que é “adiante” que segue-se a vida, na outra mão o ancião porta um grande anel, a base da filosofia zoroastriana, representando a lealdade e a fidelidade.

O Zoroastrismo foi fundado pelo profeta Zaratustra, na região da Mesopotâmia, local marcado pelos jardins suspensos da babilônia, possivelmente obra do rei neo babilônico

Nabucodonosor II, que governou entre 605 e 562 a.C. Até os dias de hoje, não há vestígios arqueológicos comprovando sua existência, no entanto é de relevância que seja uma descrição mítica, buscando um ideal romântico. O Código de Hamurabi, de origem mesopotâmica, tem como um de seus propósitos principais “proteger os mais fracos dos mais fortes”. É considerado um dos primeiros conjuntos de leis escritas, visando estabelecer regras e controle social. A famosa expressão “olho por olho, dente por dente” — a lei de talião — tem sua formulação neste código. Acredita-se que tenha sido redigido pelo rei Hamurabi por volta de 1772 a.C. e descoberto por uma missão arqueológica francesa em 1901, no atual território do Irã. O monumento, talhado em rocha de diorito, contém 282 leis gravadas em cerca de 3.600 linhas, medindo aproximadamente 2,25 metros de altura, com 1,50 metro de circunferência na parte superior e 1,90 metro na base. A influência dos princípios do Código de Hamurabi pode ser observada também nos escritos hebraicos, especialmente na Torá — a Bíblia do judaísmo, que reúne os cinco livros atribuídos a Moisés (DONINI, 2002).

Na localização mesopotâmica também há a Torre de Babel, ou “confusão” em hebraico, citado em Gênesis. Maior edifício já construído em 2420 a.C (130 anos depois do dilúvio) Ninrode, neto de Noé, rei de várias terras, queria chegar mais próximo do céu para enfrentar Deus e se proteger de um novo dilúvio, a construção levou 43 anos com 2448 metros de altura, cerca de 2,5 quilômetros de altura. A torre em princípio era tomada por uma só língua, mas Deus, contrariado pela existência do espaço, espalhou outras línguas, gerando confusões entre os habitantes. Acredita-se que a Torre de Babel, era um Zigurate, monumento arquitetônico que tinha como objetivo chegar próximo de Deus em suas alturas pelos céus.

O zoroastrismo, datando sua origem entre 628 – 551 a.C. É a primeira religião fundada por um humano, religião de tendência dualista, há um deus bom contra o mal. Dualismo que atingiu a própria religiosidade cristã. A religião oficial persa é o Masdeísmo/Zoroastrismo, que tem como mestre divino o Aúra-Masda, aplicando a existência de um Deus bom e perfeito. Já o hinduísmo tem sua influência na religião politeísta, os deuses não eram completamente bons e perfeitos. A dualidade na primeira religião de natureza monoteísta também determina o oposto a de um ser ao deus bom e perfeito. O senhor das trevas, chamado Arimã, promove a morte, a desordem, destruição e tem como desejo levar os humanos à corrupção, os métodos enganadores fazem com que os seguidores de Mazda se desviem da “trilha da verdade”. Arimã é o senhor de todos os Devas, os deuses malignos existentes. Na mitologia, o Tempo (Zurvan) teve duas crias, Mazda e Arimã, a eles eram atribuídos estereótipos binários, tendo características femininas e masculinas. Logo no nascimento de um dos deuses fora profetizado que seu poder duraria mil

anos, essa divindade maligna era Arimã. A proximidade do exemplar cristão do mal é evidente, Arimã é semelhante a Satã. Arimã é representado de duas formas, ambas se ligam ao reino animal, sua imagem demonstra um leão ou uma serpente enrolada em um leão.

O Maniqueísmo implica nova formulação sobre o dualismo, o conceito histórico filosófico, criado no século II d.C. O mundo existe pela oposição e o mundo material é criado e determinado pelo maligno, já o que é por essência espiritual, é tido como bom. Agostinho de Hipona caminha pelo maniqueísmo, fundado por Maniqueu e influenciado pelo zoroastrismo, budismo, cristianismo e outras religiões. O cristianismo definiu o maniqueísmo como uma heresia, um ato de infidelidade. O pensamento agostiniano afirma que Deus criou o universo como um ato pleno de bondade. Deus é o criador de tudo, mas não do mal. Agostinho de Hipona afirma que o mal é a ausência do bem.

O Judaísmo, religião com 4 mil anos de existência que propõe o monoteísmo, é uma religião não missionária e messiânica, que aguarda um messias para restaurar e refazer a glória de Israel. Os judeus se consideram um povo eleito, escolhidos por Deus, com sua origem tendo Abraão como “instrumento”, após a viagem de Hur para a Mesopotâmia em obediência divina.

A importância da concepção cristã no imaginário demoníaco, é mostrada com forte relação ao aspecto físico do mal, mas essa imagem é limitada ao cristianismo e sua posteridade. A dualidade e a rivalidade se mostram presentes em seus conceitos nos mais diversos detalhes, “[...] se Deus é buscado pelo homem é porque, sobretudo, os demônios anteriormente buscam os homens.” (AMARAL, 2011, p. 427). As influências mais fortes quanto à origem do diabo são o helenismo e o judaísmo. Javé, é um dos nomes de Deus, sua etimologia vem do hebraico Yahweh ou Yehovah, traduzido para o latim na forma de tetragrama, ou seja, possuindo um amontado de quatro letras, permaneceu YHVH.

Na tradição judaica, a pronúncia do nome divino é proibida, buscando assim outras formas de citações para obter uma substituição, a língua que dá origem para o hebraico original (Cananeu), atualmente é considerada próxima de sua extinção, propiciando também a perda do domínio de pronúncia inaugural. No judaísmo, a presença de Javé tende tanto à bondade quanto à maldade, o mal encarnado no demônio criado pelo cristianismo, volta-se somente ao que é por sua própria denominação a exclusividade do mal.

O FOLCLORE E A CONSTRUÇÃO DO MAL NO IMAGINÁRIO COLETIVO NA “IDADE DAS TREVAS”

A cultura popular na medievalidade constroi a imagem diabólica por intermédio majoritário da narrativa oral, estabelecida pela tradição histórica social. Em contextos gerais, dado que essas definições do diabo não eram estudos teológicos, havia (e não se pode negar que ainda há) comparações do “anticristo” com outras criaturas e mesmo com a sua nomenclatura antagonica, o Deus do cristianismo. Já com imagens, as representações com o reino animal são vastas, desde reais à imaginários, como bode e monstros. Contudo, há também imagens com a compatibilidade humana. As religiões monoteístas se negam a construir ilustrações de representação divina, o cristianismo tem a arte medieval como aliada para encarnar esse papel mitológico. Cappellari (2011) relata o resultado da imagem do diabo pelo cristianismo.

O mito do diabo tem grande enfraquecimento no século XVII, o movimento cultural iluminista se desenvolve intelectualmente pelos filósofos, cientistas e artistas é importante ressaltar que isso só foi possível por conta da influência renascentista, as ideias de liberdade política e econômica levantada pela burguesia motivaram o questionamento e até mesmo a coragem com relação a imagética demoníaca. No século XX temos a Indústria Cultural como considerável responsável pelas novas concepções. O fato da imagem demoníaca se fazer presente em um ambiente atual, demonstra que a sua aparição não se encontra somente no meio rural mas também no espaço do avanço da produção que permeia a possibilidade da existência de um imaginário antigo e histórico, o demônio, mas materializado por esta indústria.

Com síntese no período medieval, o diabo tem sua imagem que remete ao assombro. Na arquitetura ele estava presente principalmente em representações nos espaços religiosos.



Figura 8

Catedral de Saint-Lazare, França, a tentação de Cristo, de Gislebertus.

Fonte: Tripadvisor.

No período renascentista, ele conquista um espaço de zombeteiro e também recebe críticas com relação a capacidade mental exercida pela mesocracia e já no século XX há uma reformulação conceitual do que é o diabo, o medo já não é sua maior característica, sua figura é encontrada em filmes, jogos, músicas e em todo fetichismo de mercadoria.

A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DO BEM E DO MAL NO FOLCLORE RELIGIOSO BRASILEIRO

Na literatura, as representações do demônio são bastante citadas, temos como exemplo, obras de Gabriel Garcia Marquez a representação do demônio. A primeira característica que é apresentada na obra *Do Amor e Outros Demônios* é a relação de uma menina que fora mordida por um cão, isso acontece quando a menina saiu pra comprar guizos para celebrar uma festa tradicional da cultura africana, os médicos afirmavam os sintomas como raiva e a igreja católica tinha como resposta uma possessão demoníaca.

Para o colonialismo, esse vasto continente [África] era um antro de selvagens, uma região infestada de superstições e fanatismo, digna de desprezo, carregada de maldições divinas, lugar de antropófagos, lugar de negros (FANON, 2005, p. 245).

A África que é manifesta na América Latina, representada através dos escravos africanos com suas culturas, é lida como “possessões demoníacas”, pela cultura ocidental, isso é motivo plausível para obter um combate, impondo domínio, sendo a ferramenta a fé ou o medo. Temos como exemplo o assombro que por vezes é dirigido às pessoas quando é remetido o orixá Exu, a quem não conhece essa entidade senão por superficialidade, cultuada em religiões de matrizes africanas, muito se espanta, tal pensando perverte a noção da imagem e excita a repressão religiosa. Seu sincretismo com o diabo é de tamanho considerável, mesmo na cultura africana não havendo o diabo ou nenhuma outra energia que se equipare.

Como análise para identificação da imagética de Exu, a educadora Lisandra Cortes Pingo em sua dissertação, desenvolve reflexões sobre o ensino da cultura e da história africana e afro-brasileira, tendo como método o reconhecimento das diferentes representações de Exu pelas canções. A característica diabólica também é analisada com cautela pela pesquisadora, que cita o

Padre José de Anchieta, que atribui ao diabo até nacionalidade, sendo eles, o “diabo cristão brasileiro” e o “diabo cristão europeu”.

"Com o interesse de catequizar e "moralizar" o comportamento indígena, Padre Anchieta, por exemplo, elaborou autos teatrais nos quais contrapunha o bem e o mal e imputava a figura do diabo determinadas atitudes indígenas consideradas inadequadas, fazendo com este adquirisse um caráter mais amplo. Além de possuir um caráter nefasto, de acordo com a representação tradicional cristã [... Podemos observar, assim, que os atributos que o diabo cristão brasileiro adquiriu ao longo do tempo, diferenciando-o do europeu...]" (Pingo, p. 56)

O primeiro tem sua proximidade com a figura emblemática de um personagem do folclore nacional, o Saci, debochado e zombeteiro, nesse caso, é o mesmo diabo em que duas épocas são tratadas em suas concepções rudimentares no que se refere às representações demoníacas e em segundo momento, com seu enfraquecimento no período renascentista. O diabo europeu é aquele que tem o medo como seu maior aliado, a igreja se beneficia dessa característica como estratégia pedagógica.

Como vimos, durante a Idade Média — muitas vezes chamada de “Idade das Trevas” — o imaginário coletivo foi moldado por mitos, narrativas religiosas e práticas populares que associavam o mal a tudo aquilo que desafiava a ordem estabelecida. O folclore desempenhou um papel crucial na perpetuação dessas imagens, muitas vezes distorcendo a realidade com elementos fabulosos e simbólicos. Figuras como bruxas, lobisomens, demônios e criaturas híbridas povoavam o cotidiano das populações camponesas, funcionando como alegorias do pecado, da rebeldia e da heresia.

Ao mesmo tempo em que o mal era representado por essas figuras assustadoras, o bem era idealizado por meio da santidade. Entretanto, como aponta Ronaldo Amaral em “Santos Imaginários, Santos Reais”, nem toda santidade era oficial ou reconhecida pela Igreja. O autor revela como o povo criou seus próprios santos a partir de experiências locais, místicas e afetivas, que muitas vezes contrariavam o modelo institucional de santidade. Esses santos “imaginários” representavam o justo, o curandeiro, o mártir do povo — e frequentemente, seus gestos e milagres entravam em conflito com a moral dogmática da Igreja.

Essa tensão entre o imaginário religioso oficial e a religiosidade popular mostra que o bem e o mal eram construídos com base em disputas simbólicas. O mesmo corpo que era considerado sagrado por uma comunidade podia ser interpretado como herege tido ou possuído por outra. Amaral observa que o processo de canonização servia como instrumento de controle

ideológico, enquanto o folclore preservava uma memória subterrânea — muitas vezes associada a resistências culturais, especialmente das camadas excluídas: mulheres, negros, camponeses e pagãos.

Assim, o folclore não só produzia imagens do mal como também guardava memórias do sagrado rejeitado. As figuras demonizadas pela Igreja — como Exu nas religiões afro-brasileiras ou as “bruxas” curandeiras — eram manifestações simbólicas de uma fé não institucionalizada. O estudo de Amaral contribui para compreender que o mal, no imaginário coletivo, é muitas vezes um reflexo daquilo que foi excluído, reprimido ou desautorizado pelos sistemas de poder. A religiosidade popular, portanto, constroi seus próprios códigos simbólicos, nos quais o bem e o mal ganham contornos específicos e politicamente significativos.

THOMAS HOBBS E O PENSAMENTO CRÍTICO, POLÍTICO E RELIGIOSO SOBRE O MAL

Thomas Hobbes (1588–1679), filósofo político inglês, rompe com a visão teológica tradicional do mal como entidade metafísica ou cósmica. Para ele, o mal não possui existência objetiva fora da experiência humana. Em sua principal obra, "Leviatã" (1651), Hobbes argumenta que as ideias de bem e mal são relativas aos desejos e aversões de cada indivíduo: "o bem é aquilo que o indivíduo deseja; o mal é aquilo que ele rejeita."

Hobbes não acredita em um mal absoluto, mas sim na desordem natural que resulta da ausência de um poder centralizado. Para ele, no estado de natureza, os seres humanos vivem em constante conflito, movidos pelo medo, pela escassez e pelo desejo de poder. Esse estado é descrito pela famosa expressão: “a guerra de todos contra todos” (*bellum omnium contra omnes*), onde a vida é “solitária, pobre, sórdida, brutal e curta”.

Nesse contexto, o mal surge como consequência da liberdade humana sem restrições, ou seja, da ausência de um contrato social que limite os impulsos naturais do homem. O medo da morte violenta e do caos é o que leva os indivíduos a aceitarem a autoridade soberana — o Leviatã — que passa a exercer o controle, suprimindo o mal pela força da lei.

Hobbes, portanto, desloca a origem do mal para o próprio homem e suas paixões desgovernadas, negando a existência de um demônio ou de um mal sobrenatural. O mal não é exterior ao homem, mas parte de sua condição existencial quando não é regulado pela razão e

pelo pacto social. Sua filosofia seculariza a moralidade e a política, oferecendo uma explicação do mal que não depende de crenças religiosas, mas de fundamentos racionais e pragmáticos.

Essa concepção abre caminho para o pensamento moderno e contribui decisivamente para a transição de uma visão medieval, teocêntrica, para uma leitura antropocêntrica e racional do comportamento humano e da organização social. O mal, para Hobbes, não deve ser temido como figura mítica, mas compreendido como fenômeno social a ser prevenido por instituições fortes e leis justas.

CONCLUSÃO

A trajetória deste trabalho procurou examinar como o mal foi sendo representado esteticamente e simbolicamente ao longo da história da filosofia, da religião e da cultura popular, enfatizando suas múltiplas imagens e suas funções sociais, ideológicas e políticas. Desde as origens mitológicas orientais até a formulação cristã e o seu uso sistemático durante a Idade Média, a figura do mal, personificada muitas vezes no diabo, foi utilizada como instrumento de controle, explicação do sofrimento humano e manutenção de ordens estabelecidas.

A investigação revelou que o mal não é uma entidade estática ou única, mas uma construção simbólica e mesmo ideológica moldada pelos interesses culturais, religiosos e filosóficos de cada época. A ideia de um ser maléfico, com aparência grotesca, associado a castigos e desvios morais, é uma síntese de tradições antigas — como o zoroastrismo, o judaísmo e os mitos greco-romanos — e da manipulação eclesiástica medieval. Ao mesmo tempo, a arte, a literatura e o folclore revelam uma pluralidade de representações que ora ridicularizam, ora reforçam o poder simbólico do mal.

A partir do Iluminismo e com o avanço da ciência, essas imagens começam a se transformar: o mal deixa de ser uma força externa e sobrenatural e passa a ser compreendido como uma dimensão da própria condição humana. O pensamento e a estética do mal, especialmente a partir do século XIX, revelam uma mudança de paradigma. No século XX, com a indústria cultural, o mal torna-se também mercadoria, elemento de fascínio, espetáculo e fetiche.

Não se pode afirmar, portanto, que exista uma distinção radical entre o mal medieval e o mal contemporâneo — o que há, na verdade, é uma oscilação de imagem e de função. O medo, que outrora impunha obediência religiosa, hoje se apresenta nas mídias, nos discursos políticos, nos entretenimentos de massa, e continua a exercer sua influência, agora sob outras formas. O mal, afinal, persiste como uma chave interpretativa da experiência humana, adaptando-se às exigências simbólicas de cada tempo sempre com muito sucesso.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando: introdução à filosofia**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

ALMEIDA, Marcos. **O Diabo e a Indústria Cultural: as diversas faces da personificação do mal nas telas de cinema**. Revista Nures, São Paulo, 2010.

AMARAL, Ronaldo. **O demônio entre a religião e a religiosidade cristã: O legado oriental para um monoteísmo de percepção dualista**. Revista de Humanidades, Caicó, v. 11 N. 29, Jan-Julho, 2011.

AMARAL, Ronaldo. **Santos Imaginários, Santos Reais: A literatura hagiográfica como fonte histórica**. Revista de Humanidades, Caicó, v. 13, n. 30, 2012.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1995.

CAPPELLARI, Márcia Schmitt Veronezi. **A Arte da Idade Média como construtora de um conceito visual de mal**. Mirabilia, Barcelona, v. 12. N. 1, p. 175-188, Jan-Junho, 2011.

ECO, Umberto. **História da feiura**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2014.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. Tradução de Andrés Boglar. Editorial Lumen, 1984.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente: 1300-1800 uma cidade sitiada**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Trad. Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

HOBBS, Thomas. **Leviatã, ou Matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MUCHEMBLED, Robert. **Uma História do Diabo: séculos XII a XX**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

NOGUEIRA, C. R. F. **O diabo no imaginário cristão**. Bauru: Edusc, 2000.

RUSSEL, Jeffrey Burton. **O Lúifer e o Diabo na Idade Média**. São Paulo: Editora Madras, 2003.

SUASSUNA, Ariano. **Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. 8.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

PINGO, Lisandra Cortes. **Uma análise das múltiplas faces de Exu por meio de canções brasileiras: contribuições para reflexões sobre o ensino da cultura e da história africana e afro-brasileira na escola**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.